

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 189

Data: 29.03.77

Pg.: _____

Armados, os índios querem ver Geisel

Do Correspondente em
MANAUS

A nove dias da cerimônia em que o presidente Geisel a entregará oficialmente ao tráfego, a estrada Manaus-Caracará (BR-174) volta a enfrentar o grande problema que acompanhou sua construção: a presença ameaçadora dos índios waimiri-atroari, que tiveram suas terras cortadas pela rodovia e, em 11 anos de um contato acidentado, trucidaram 29 brancos, inclusive o sertanista Gilberto Pinto, que com eles conviveu por seis anos. Nos últimos três dias, cerca de 100 índios, armados de arcos e flechas, concentraram-se em pontos estratégicos da estrada, decididos a conversar com o "pai grande" (Geisel). E, embora aparentemente já tenham voltado a suas malocas, o temor de incidentes durante a inauguração levou as autoridades até a mudar a programação da che-

gada do presidente ao local da solenidade. Só no próprio dia da inauguração é que Geisel chegará à região do rio Anauá — marco zero do Equador —, no quilômetro 355, para cortar a fita simbólica. Ele desembarcará de um avião Buffalo da FAB, às 10 horas, procedente de Manaus, onde terá pernoitado.

A mesmas preocupações fizeram os responsáveis pelo programa da inauguração interditar a BR-174 de sexta-feira até ontem, para evitar que os usuários tivessem um contato que se supunha de consequências imprevisíveis com a tribo. Os índios postaram-se principalmente junto aos acampamentos da Funai, onde costuma haver maior número de civilizados, e do 6º Batalhão de Engenharia e Construção (BEC). Armados, embora com um aspecto definido como aparentemente amistoso, eles exigiram uma quantidade

de brindes maior que a normalmente oferecida pelos sertanistas para mantê-los serenos.

"Se esses índios brigaram até agora, não seria sem objetivo que eles saíssem de sua reserva e fossem esperar por um diálogo mais proveitoso com o civilizado fora de sua reserva", dizia ontem um sertanista. Ele se mostrava inquieto ante o fato de os waimiri terem andado cerca de 110 quilômetros para ir até o acampamento Arara Vermelha, já perto de Caracará, num lugar onde não existe mais nenhum posto da Funai, para tentar falar com os soldados do BEC. E, embora o grupo já tenha deixado o local e se suponha — sem ter certeza — que retornou a suas malocas, perto dos rios Abonari e Alalaú, na altura dos quilômetros 225 e 308 da BR-174, há muito receio, entre os integrantes do BEC e da Funai, quanto à "verdadeira natureza" de suas intenções.

Um passado de violências

Há precisamente 16 anos, os waimiri-atroari esperam por essa oportunidade: falar com o "pai grande", que eles consideram como a única autoridade capaz de resolver os problemas que vão enfrentar com a abertura da rodovia Manaus-Caracará: a presença natural de um maior número de civilizados, de uma influência negativa maior em sua vida na floresta. Esse convívio os levou a repetidos e contínuos massacres. Nos ataques, em que abateram civilizados com suas flechas e arcos mortíferos, os waimiri-atroari só pensam numa coisa: eliminar os brancos, os antecessores da grande perseguição que sofreram de 1873 a 1905.

Nesse período, mais de 800 indígenas foram brutalmente mortos pelos civilizados, com a anuência do poder de polícia. Em 1873, foram mortos mais de 100 índios por ordem do então governador do Rio Negro, com sede em Moura, comandando o massacre o então tenente Honorário Antonio Oliveira Horta. Em 1872, os índios atacaram a vila do Moura, matando e saqueando, para em 1905 ocorrer o pior morticínio de que se tem notícia, comandado pelo capitão de polícia Julio da Rocha Castingueira. Nesse conflito, tomaram 300 índios e muitos outros foram levados para Manaus, onde vieram a morrer entre outros motivos, devido ao tratamento de que foram vítimas no único hospital da vila.

FRASES

No pequeno vocabulário da língua Waimiri, registrado pelo naturalista Koch-Grünberg, os índios encaravam os civilizados como homens maus, a ponto de criarem e decorarem frases pre-

paradas para dialogar com os brancos: "Branco vai te agarrar na tua casa; branco vai te pegar; vamos embora, os brancos querem nos matar". Essas frases, lembra a antropóloga Denise Meirelles, são a mais óbvia prova da amarga experiência que os índios waimiri-atroari tiveram com a civilização influente. Afora esses morticínios também em contatos esporádicos travados com pioneiros, os índios, com a intenção de realizarem trocas, foram frequentemente recebidos a bala.

Em seu depoimento antes de morrer em 1974 — atingido pelos waimiri com os quais convivera durante 11 anos como sertanista, Gilberto Pinto lembrou nunca haver duvidado da tenacidade e do caráter violento desses índios. "É claro — afirmou — que essa minha observação jamais — até quando eu for funcionário da Funai ou morrer — poderá ser dita ou publicada. Dando a minha vida em benefício da liberdade desses índios, sofridos e incompreendidos, é o meu imo que posso fazer a eles como prova da amizade que sempre nutri por eles", insistia Gilberto, ao justificar a reação agressiva dos waimiri-atroari ante o fato de a estrada cortar sua reserva. Não escondia, entretanto, o que supunha serem as intenções da tribo quanto aos brancos. "Não se muda a índole do índio tão rapidamente. E os waimiri-atroari não são exceção. A penetração irracional e desenfreada da civilização nas suas terras é que mudou a índole dos waimiri-atroari, não eu".

O sertanista Sebastião Firmo, que substituiu Gilberto na atração dos waimiri, também não tem dúvida quanto às intenções dos in-

dios na atual situação. "se eles querem falar com o pai-grande", vamos deixar. Mas é preciso saber quem está instruindo os índios, quem disse a eles que o "pai-grande vai vir à sua terra", dizia ontem um sertanista da Funai.

Para o delegado da Funai em Manaus, Kasuko Wakamoko, não são os waimiri-atroari que permanecem na região do acampamento Arara-Vermelha. Segundo ele, são os wai-wai, já inteiramente identificados com a Funai.

A ESTRADA

A Manaus-Caracará, construída em sete anos, custou à nação cerca de 230 milhões de cruzeiros e empregou 1.269 homens, entre militares do 6º BEC e civis. Com uma extensão de 624 quilômetros, ela corta a floresta amazônica no sentido norte-sul, ao longo da calha do rio Branco.

A BR-174 faz parte da rodovia Manaus-Fronteira Brasil/Venezuela, que, após percorrer 9.971 quilômetros, interligando a capital do Amazonas à do território de Roraima encontra o marco BV-8, na fronteira com a Venezuela, transformando-se na transcontinental. Através das rodovias federais BR-060, BR-364, BR-319 e BR-174, e com uma extensão de 4.462 quilômetros, a BV-8 liga Brasília a Caracas, representando um grande passo para a definitiva consolidação da rede viária sul-americana e do sistema panamericano de rodovias, uma vez que se terá obtido a integração da rede viária de cinco nações: Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Venezuela. Enfim, a Manaus-Caracará liga o Brasil ao Pacífico, formando um grande cinturão rodoviário em torno do país.